



CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Cada serie de 24 numeros:

Em Coimbra..... 500

Fóra de Coimbra... 560

Numero anullo, 20 rs.

O Ultimatum

FOLHA ACADEMICA

PUBLICAÇÕES

Mediante contracto especial

Redacção e Administração

26 — RUA DO FORNO — 26

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

Ultimatum — Coimbra

Aos seus collegas de Lisboa, Porto e outras cidades do paiz, actualmente em Coimbra para tractarem da federação academica, dá as mais cor-deas boas-vindas a

REDACÇÃO.

Ao apresentarmo-nos pela primeira vez na arena da imprensa, começaremos por expôr muito resumida e despretenciosamente o programma do nosso jornal.

Somos anti-monarchicos

Esta simples e formal declaração parece que bastaria para definir a nossa futura linha de conducta, encerrando-se nella tudo quanto possa dizer-se acerca dos intentos do nosso jornal. Não obstante julgamos ser dever nosso acrescentar o seguinte:

Não atacamos pessoas, nem apreciamos individualidades particulares; mas discutiremos principios aberta e francamente, commentaremos as occorrencias com a maior imparcialidade, e combateremos com toda a energia do nosso animo as instituições monarchicas, por nos parecer que ellas são perfeitamente antagonicas com as aspirações populares, e porque reconhecemos, como todos os homens de mente sã reconhecem, que no estado actual das sociedades há uma desarmonia completa entre as conveniencias d'uma corôa e as legitimas necessidades d'um povo.

Não nos illudimos acerca do futuro do nosso jornal. Sabemos d'antemão que graves obstaculos se lhe hão de antepôr e que terá de ser difficullosa e ardua a nossa tarefa. Não desanimamos porém; o conhecimento anticipado das difficuldades, com que temos d'arcar faz que no nosso animo brotem novas forças para lhes offerecermos uma resistencia mais tenaz e violenta, e para nunca afrouxarmos na vehemencia com que promettemos verberar todos os actos indignos dos poderes constituidos.

Seremos intransigentes em questões d'interesse publico; e emquanto nos alentar um sopro de vida havemos de sempre, e por todos os modos, pugnar pelo engrandecimento da patria, pelo seu progresso material e moral, não cessando jámais de gritar com toda a força do nosso entusiasmo:

Abaixo os governos dissolutos!

Fóra os traidores á patria!
Abaixo a alliança ingleza!
Viva a soberania popular!

Bragança, o ultimo

Foi d'um furor desalmado a borgia da aclamação.

Houve festas luzidas, estupendas, em que se derreteu o ultimo pataco, e conta-se d'ellas, entre outras scenas commoventes, a historia d'uma bebedeira colossal que apanhou um poderoso principe de Inglaterra que se viu obrigado a ficar despedindo coices d'alimaria em cima dos colchões d'Ajuda, enquanto o seu augusto parente era aclamado nas ruas da cidade como sendo tres vezes real.

Pequenos detalhes que não se apagam da memoria para eterna consolação do povo...

Mal se esvaeceram nos longes os ultimos rumores da festança, logo os jornaes avançados começaram a chamar ao rei cousas tezas, coisas duras.

Em seguida silencio relativo.

A 11 de janeiro o ultimatum do inglez; e o rei que até ahí era um simples larapio, passou a ser, na bocca das folhas revolucionarias, um grande galuno; elle que até ahí possuia uma intelligencia mediocre, passou a ser simplesmente um bruto; elle que até ahí exhibia, no seu des-coco de pedante, uma educação deficiente, passou a ser um pacovio, em cuja cabeça pequenos e inuteis fragmentos de sciencia tristemente boiavam na agua choca que o sr. Alves de Sousa, seu mestre, em companhia introduzira no craneo com a seringa da sua philosophia!

E eu concordava sempre...

Monarchicos assetearam-me, varando-me com argumentos formidaveis no meio de discussões violentas, mas eu continuava a concordar. Até que um dia veio, em que um argumento de peso dominou o meu espirito, e de tal forma que fiz venia ás gazetas vermelhas, afastando-me arrependido do seu convivio diario.

Esse argumento rezava assim:

— «Ha n'esta engrenagem que regula o paiz uma entidade sem responsabilidade que é o rei; sendo irresponsavel ninguem tem direito a pedir-lhe contas dos seus actos.»

Acceitei, e acceitei incondicionalmente.

Atirei-me á meditação durante uma longa noite d'espaventoso inverno e vou dizer em poucas palavras o que apurei de tão tristes locubraciones.

Não se encontra em ponto algum do paiz um unico homem, ou seja catholico ou protestante, monarchico ou republicano, padre ou secular, bacharel ou sachristão, ou faça parte da nobreza ou pertença á plebe, que perante a lei não seja responsavel. Donde se conclue que el-rei D. Carlos de Bragança não é um homem!

(Ponho de parte a hypothese d'elle ser um imbecil; folgo em deixar essa porta aberta ao sophisma d'algum cortejo delambido que queira travar polemica, exercitando a romba sagacidade).

Por outro lado, irresponsavel é o boi que, ha tempos, nas obras da demolição d'um edificio da cidade matou um homem nas proprias ventas de dois policias que tranquillamente fumavam, e que sem perderem a linha da sua impassibilidade bem mostraram concordar que se o boi matava o homem é porque lá tinha as suas razoes.

Irresponsavel é o gato que a estas

horas está a dar berros furibundos no telhado da minha casa e que sempre que pratica um roubo na cosinha encontra desculpa na philosophia caseira da criada que lhe chama «um bicho sem conhecimentos».

E assim para todos os representantes da escala zoologica, collocados inferiormente ao homem. Donde se conclue que el-rei D. Carlos de Bragança é um animal!

Bello argumento esse que nos demonstra a existencia d'um animal na engrenagem reguladora...

Mas que especie de animal é elle que dizem ter a covardia da hyena e ser traidor como o tigre; que umas vezes arremette de juba algada como um leão para em seguida virar de costas como um sendeiro; que se perfila de sobrecenho carregado, n'uma impertigação de tarimba, perante o paiz e que se roja como uma serpente hypnotisada ás patas de Inglaterra?

Que especie d'animal será elle, que pela conformação anatomica se parece com o homem e pelos instinctos é peor que o inglez?

Pertencerá elle por ventura a essa especie servil e valente, representada alli no Museu pelo esqueleto d'um camello?

Não me parece. Aquella especie zoologica, d'uma tão grande submissão melancolica, é a que fornece a força dos seus musculculos e a dureza do seu espinhaço á causa da civilização, atravessando, soffredora, nas grandes oceanações, os grandes d'África, ardeentes e ingratos.

Será elle irmão d'aquelle orango que, além no Museu, se deixa pender d'um galho num grande abandono philosophico, de barriga enfartada n'uma indegestão d'algodão em rama?

Não com certeza. Aquelle macaco, para nós os discipulos de Darwin, está muito proximo do homem e el-rei está muito longe, está muito, mesmo muito afastado; separa-o de nós além da sua irresponsabilidade, o abysmo imensuravel da sua inviolabilidade sagrada.

Mas que bicharoco será então?

Não sei. O proprio Linneu torceria a orelha aterrado perante a exquisitice do phenomeno, e os monarchicos mais competentes, ainda não ousaram descerrar os labios auctorizados a fim de esclacarem este ponto obscuro e confuso.

Que tambem não faz muito para o caso.

Alguem o classificará um dia e a sciencia dar-se-ha por satisfeita.

E' o que basta.

Tudo isso que ahí fica auctorisamente a fazer umas ligeiras consideraciones.

Admitido que se faça a revolução — porque é preciso que a revolução se faça — e porque nos achámos apetrechados para ella pela raiva e pela dôr, á certa que aquelle figurão não pôde ficar eternamente no pago de Belem, ruminando nostalgicamente a lista civil que elle appellida de insignificancia no seu egoismo de rei.

Mas elle não pode ser morto. Portugal, o velho heroe magnifico, não lhe pôde enterrar a espada gloriosa nas profundezas do estomago, nem pôde descarregar-lhe no arcado peito uma das suas espingardas honestas. Não, a Historia mais tarde diria que nós outros, os portuguezes, num momento solemnissimo de desforra e de vingança, tinha-mos maculado a honra impoluta e legendaria das nossas armas; das

mesmas armas, que antigamente em Africa conquistaram a gloria, matando infieis que eram homens; das mesmas armas que no principio do seculo salvaram a Patria, matando francezes que eram homens tambem. Mandal-o lá para fóra, impossivel; ninguem lá o tolerava.

Entendo pois que o melhor será, quando os canhões começarem a urros e quando o sangue principiar a correr, metel-o numa das gaiolas centras do Jardim Zoologico, fazer-lhe ahí uma cama de palha e deixal-o ficar muito tranquillo e muito descansado. Elle receberá alli nos dias d'um sol alegre e festivo, a visita de conselheiros graves e pesados, que por entre as grades o picarão mansamente com a ponta das bengalas; e a visita de meninas franzinas que no intervallo dos namoros lhe atirarão com bolos para gozarem as engraçadas carretas que o monstro fará, ao comer.

Pobre rei, coitado, como teremos dó d'elle! Depois de soffrer os encontros inenarraveis da sorte que lhe hão de desconjunctar o throno, fará, na melancholia da sua jaula, o encanto de gastos conselheiros e de meigas raparigas anemicas...

E então os jornaes, depois de annunciarem que no Jardim Zoologico ha musica ás quintas e domingos, dirão, subindo ao mais alto furo do reclame, que acaba de para lá entrar o ultimo animal de Bragança.

Mais tarde a Historia repetirá friamente, como um echo:

—Ultimo animal de Bragança!...

ANTONIO J. ALMEIDA.

Desejavamos publicar na integra o projecto dos estatutos da Liga patriótica dos estudantes portuguezes, de cuja elaboração foram encarregados pelas Academias de Lisboa e Porto os srs. Antonio Luiz Gomes, presidente, Anthero Falcão Leite Pereira de Seabra, Ernesto de Vasconcellos, José Gomes de Figueiredo Sobrinho e José Benevides, prelator.

Mas, como por absoluta falta de espaço o não podemos fazer, dar-lhe-hemos publicidade só depois de serem discutidos, modificados e definitivamente approvados pelo congresso dos dias 23, 24 e 25.

Theatro Academico

Procede-se activamente á demolição do velho Club e Theatro Academicos, e simultaneamente aparelha-se material para a edificação do novo Club.

Parece-nos que afinal d'esta vez se mostra algum empenho pelos interesses da Academia, e que a reconstrucção do nosso theatro é só questão de tempo, que ainda assim pôde ser tanto mais breve quanto mais dinheiro fór mandado para ella.

O sr. Bigaglia — o architecto encarregado da construcção — mostra o maior desejo de activar os trabalhos, e effectivamente tem o conseguido mais ou menos.

D'aquí lhe enviámos, como academicos, a expressão do nosso reconhecimento, e do sincero desejo de que sempre o anime a mesma boa vontade.

A Associação Academica está funcionando provisoriamente no edificio do antigo tribunal.

A FEDERAÇÃO ACADEMICA

Deve hoje ter logar a primeira sessão do congresso destinado a estabelecer — d'uma vez para sempre — a fraternidade de todos os estudantes portuguezes, pela discussão dos estatutos provisorios, elaborados por 5 estudantes d'esta cidade.

Uma das bases d'esta federação é o levantamento do nivel moral do povo portuguez. Ora o facto d'esta base estar incluída, significa que o nivel do paiz está baixo, — com o que eu concordo. E, como para a descida do mesmo nivel deve ter havido causas, eu lembro, ou peço (como queiram) aos illustros congressistas que estudem primeiro as causas do pessimo estado, a que o paiz chegou, vejam em seguida se ellas são permanentes ou transitorias, e que no primeiro caso as substituam, e no segundo as afastem.

Sabem a que me refiro. É opinião minha que, se o paiz está moralmente baixo, é por causa da monarchia ou do throno, — pouco importa o nome; e que a acção do reformador d'um mero effeito, deve principalmente dirigir-se para a causa d'esse effeito. Assim a Academia, que vae tornar-se forte, que vae emancipar-se das antigas rapaziadas vergonhosas ou ridiculas, tem obrigação de não ser platonica nas suas esperanças, e de — ou não tentar levantar niveis moraes, ou, querendo levantá-los, tratar d'extinguir primeiro os obstaculos a esse levantamento, que são as mesmas causas da queda, para em seguida, em moldes novos, fazer subir a moralidade portugueza...; noutros termos, ou não pensar n'isso, ou pensando executal-o, derrubar a monarchia, estabelecer a republica, e em seguida instruir, edificar, moralisar o povo. Não será isto mais curial, mesmo mais scientifico?

Pensem, portanto, nessa ideia os congressistas, e não se lembrem de voltar o mundo só com palavras...; obras, muitas obras, sangue, revoluções, tudo isso será preciso para conseguir um desideratum assim. E com certeza que a federação academica terá conseguido muito, será abençoada por todas as gerações futuras, se der o primeiro passo para a revolução, isto é, para o começo da emancipação de Portugal.

Pensem os dignissimos congressistas na lembrança que ousou fornecer-lhes, e verão que não é de todo desaproveitavel.

AFFONSO DA COSTA.

GAZETILHA

Os ministros actuaes, Uns famosos figurões, Querem com a lei das rollas Salvar as instituições.

Um patusco que eu conheço, Que ao governo dá vivorio, E que atirou dois tostões Aos do bando precatório.

Disse a esfregar muito as mãos E com ar malicioso: — «O que o Serpa vae fazer É deveras *espanioso*.»

MOSCARDO.

A ACADEMIA

O *Ultimatum* está ao dispôr de todos os academicos—quer dos lyceus quer da Universidade—que queiram honrar-nos com a sua collaboraçã, ou queiram defender uma causa digna e justa, muito principalmente sendo relativa ao interesse geral da Academia. Dil-o claramente o nosso subtítulo—*folha academica*—e dil-o ainda o nosso programma politico, perfeitamente d'accordo com a opinião geral da Academia.

Quando qualquer estudante—mesmo de fóra de Coimbra—se sentir extremamente incommodado com um accrescimento d'odio ás instituições vigentes, ou ao governo, ou a D. Carlos, e receiar que se dê no seu animo uma explosão de rancor prejudicial e extemporanea, não hesite um momento: sirva-se do nosso jornal como que d'uma valvula de segurança, e offereça uma parte do seu odio á publicidade, para desabafar.

Politicamente, pois, só consentiremos artigos anti-monarchicos, isto é, d'accordo com o nosso credo politico; fóra d'este ambito, na sciencia, nas lettras, em qualquer assumpto que interesse, todo o academico pode exercer a sua actividade, e servir-se do nosso jornal para que o publico a aprecie.

Não deve ser extranhado o nosso proceder fechando a porta á politica monarchica: é que estamos tão formalmente convictos de que a monarchia é uma instituição condemnada pelos seus crimes e desperdícios, que nos repugna encontrar individuos na flôr da idade, na occasião dos ideaes generosos e bellos, a defenderem um ideal gasto, um ideal de conselheiros retundos, um ideal só proprio aos interesses mesquinhos, egoistas. E d'esta repugnancia é resultado naturalissimo que o nosso jornal não sirva para mostrar lá fóra aquillo que nós condemnamos tão abertamente. Desculpem, porisso, o exclusivismo, aliás natural em todos os jornaes de qualquer côr politica.

No que disser, porém, respeito a assumptos d'actualidade e interesse geral, o *Ultimatum* publicará todos os artigos, muito embora firmados por um monarchico, quando não appareçam totalmente despidos da syntaxe mais vulgar...

Terminando, os redactores d'este jornal desde já agradecem qualquer collaboraçã extranha, que porventura lhes seja offerecida, desde que concorra para o engrandecimento do *Ultimatum*, e declaram bem alto que a ninguem será retirado da publicaçã um artigo nas condições expostas, quando venha assignado por um academico.

Subscrição nacional

A ideia da subscrição nacional encontrou aqui um echo de calorosa sympathia, especialmente da parte dos academicos. Assim, ao passo que o bando precatório que percorreu já quasi toda a cidade, colheu umas 100 libras, a subscrição pelos cursos é calculada já em 1:500\$000 réis approximadamente.

Ha cursos d'uma generosidade verdadeiramente espantosa em estudantes de Coimbra. Assim um curso de 20 e tal rapazes — o do 1.º anno de Medicina — concorre durante um anno, ao todo, com 200\$900 réis. Outro de 7 rapazes — o de 5.º anno de Philosophia — concorre durante 6 mezes com 30\$000 réis, — devendo notar-se que 3 d'estes estudantes não dão para esta verba, porque querem antes pagar directamente, sem mais demoras, para a grande commissã de Lisboa.

Ao dispôr das commissões que se encarregaram de receber donativos, offerecemos, para qualquer publicaçã, as columnas da nossa folha.

EXCERPTO

Não vou tecer-te aqui singelos madrigaes
Nem cantar do teu collo a fresca e lactea alvura;
Nem tampouco fallar das formas triumphaes
Do teu corpo gentil, que em fria sepultura
Ha de esconder-se um dia!

É pena, mas então?!

Nem eu posso dizer o que os teus olhos são...
Os teus olhos, mulher! Podia comparal-os
— É costume, bem vês — podia equiparal-os
A dois brilhantes soes, mas não... não quero:
Basta apenas dizer que um jesuita austero,
Mais casto do que tu — que vil comparaçã! —
Sentiria bater mais forte o coração,
Euroscar-se-lhe na alma a serpe do Desejo,
Ouviria talvez o estrepito d'um beijo,
Se tu um só momento o olhasses fixamente!
Uma desgraça emfim! Morria impenitente...

Eu leio nesse olhar, cheio de languidez,
Alguma cousa triste, algum pezar talvez
Que te afflige e magôa, algum desgo-to immenso,
E fico então scismando, e francamente penso
Que grande deve ser o teu remorso!

Um dia

Concebeste — eu sei tudo — uma infernal ideia,
E quando tua mãe tranquilla emfim dormia,
Talvez sonhando em ti, abandonaste a aldeia;
Deixaste então o leito virginal — um ninho —
E a tremer, e a tremer, andando de mansinho,
Como alguem que receia e teme uma cilada,
Sabiste emfim de vez com direcção á estrada.
Alguem te esperava lá; na funda escuridão
D'essa maldita noite, os olhos do poltrão
Brilhavam sensuaes; um beijo apaixonado,
Um beijo infame e vil, fremente e acanhado,
Deixou-te desde então a face impura e suja.
Respondeu alli perto o canto d'uma coruja...
Correu-te pelo corpo um funebre arripio;
O teu sangue gelou-se, e a alma teve frio...

Pobre mãe! pobre mãe! depois da tua fuga,
Appar'ceu-lhe na frente uma primeira ruga...

Coimbra—1890.

B. FRAUSTO.

CHAMMAS MORTAS

Sombras sagradas dos Avós!
Mortos sublimes! resurgi
Dos velhos tumulos. Cingi
O elmo da gloria, á nossa voz.

Vinde dos ceus em chammas, e
Dos oceanos, até nós...
Mães! nos sudarios dos Avós
Os nossos corpos revesti!

E enquanto nós como uns poltrões,
Longe do fogo dos canhões,
Virmos sem pejo o olhar d'Harmodio,

Os Grandes Mortos, a chorar,
Hão de ficar, cahir, luctar,
Numa explosão de furia e de odio!

Coimbra.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

LUZ E SOMBRAS

(A SANTOS MELLO)

Nossas almas, amigo, são diamantes
Doirados pelo sol da juventude,
E que, não sei se ao fundo do atauda,
Ou ás claras regiões dos ceus distantes,

Voam dos nossos peitos arquejantes:
Mas não, nada ha no mundo que não mude,
Nada resiste a esta passagem rude
Dos annos que nos fogem galopantes!...

O sol, que a nossa mocidade doura,
Que faz raiar uma candente aurora
Sobre o altar do nosso coração,

Ha de perder em breve o fulgor lindo:
— E os diamantes hão de ir-se despedindo
Até se transformarem em carvão!...

1882.

SILVESTRE FALCÃO.

A REVOLUÇÃO DE 1890

Estamos em vespéras de um dos acontecimentos mais importantes na evolução da Humanidade.

A revolução portugueza não será apenas a desthronisaçã de uma dynastia, o rompimento completo com as tradições que ella representa, a quebra de uma alliança, a ressurreiçã de uma patria, a reforma de uma sociedade, a regeneraçã de um povo, e a reconstituçã de uma nacionalidade. Será mais do que isso: será o inicio de uma nova era na historia das civilisações; será o primeiro passo para a federaçã da America e da Europa latina.

Desthronada a dynastia, rota a alliança ingleza, a federaçã de Portugal com os Estados-Unidos impõe-se naturalmente.

Portugal, que foi o exportador da civilisaçã da Europa moça para o Novo Mundo, será no futuro o importador da civilisaçã americana para a Europa decadente hoje, e amanhã remoçada.

Portugal deve ser pela sua situaçã geographica o commerciante de civilisações entre o novo e o velho mundo: foi-o no passado, sel-o-ha no porvir.

Então será a nossa patria o centro da troca das ideias e dos progressos. Então será aqui, neste bemdito terrorio, ne seio d'este nobre e generoso povo, que se transformará em arterial o sangue venoso das velhas civilisações.

Realizada e consolidada a liga de Portugal com os Estados-Unidos, constituir-se-ha a federaçã iberica, precedida da destruiçã da unidade artificial da Hespanha e da separaçã dos estados que nella estão aggregados e que possuem tradições, litteraturas e caracteres proprios,—e a federaçã latina, tendo antes desaparecido em França a centralisaçã demasiada, e na Italia a unidade monarchica.

A politica dynastica das allianças terá sido substituida pela politica das federações.

Então terá desaparecido de todo a politica centralisadora dos Estados. O individualismo que teremos importado da America haverá vencido o socialismo de Estado. A influencia dos Estados-Unidos haverá feito retornar a civilisaçã o seu verdadeiro caminho. As sociedades irã evolutivamente approximando-se do ideal do individualismo—o governo dos principios sem instituições.

O Estado orgão dos principios, eis o que se propoz realizar o christianismo de S. Pedro. O christianismo de S. Paulo, de mais largas vistas, propunha-se realizar o governo da moral religiosa de Jesus, mas governo sem instituições, sem Estado. Os preceitos do christianismo impunham-se como principios pela sua evidencia: eram verdades que ao espirito cumpria aceitar, regras que á vontade cumpria observar; e não decreto com sancção legal, prescripções impostas pela força.

O catholicismo perfilhou e na idade media teve quasi realizado o ideal do Estado christão. O protestantismo inclinou-se mais para o ideal de S. Paulo.

Se compararmos o movimento que se está operando na sociologia moderna veremos a repetiçã do movimento christão. É a evoluçã circular que não consideramos como uma lei geral das sociedades, mas apenas como um facto perfeitamente explicado pelo determinismo dos acontecimentos.

A doutrina de Comte liga-se á doutrina de S. Pedro. Substituam-se nesta os principios do christianismo pelos da philosophia positiva e teremos a doutrina de Comte: o Estado universal governado por sabios—os padres da religiã da Humanidade.

Mas novas doutrinas representam na moderna evoluçã scientifica o que

a doutrina de S. Paulo e o protestantismo representaram na evoluçã religiosa. A sociedade sem Estado, o governo dos principios sem instituições, eis a tendencia de que é a expressã, o ideal que se propõem.

A invasão do individualismo norte-americano fecundado pelas modernas doutrinas produzirá uma nova civilisaçã caracterizada por uma politica de completa liberdade, pela iniciativa individual nas industrias e pelo socialismo anarchista no campo economico.

A pouco e pouco desaparecerá a soberania do direito divino dos reis, dos parlamentos e da massa para só permanecer a do individuo.

O fetichismo das leis desaparecerá, tambem pela influencia do determinismo scientifico e das verdadeiras concepções das leis sociaes.

*

Façamos a revolução, determinada por mil circumstancias imperiosas e promettedora de tão extraordinarios resultados.

Seremos fracos talvez; mas só nós teremos o heroismo dos crentes; só nós o fanatismo do ideal. No exercito só teremos a combater o dever absurdo e ingrato da disciplina, e na burguezia encontraremos apenas a cynica indifferença.

ARMANDO ZUNIGA.

Felicitemo-nos e felicitamos os nossos leitores por termos conseguido para o *Ultimatum* a collaboraçã efectiva do nosso presado correligionario Antonio José d'Almeida, auctor do artigo—*Bragança, o ultimo*—que collocamos em seguida a apresentaçã do nosso jornal.

São sobejamente conhecidas as suas finas qualidades de escriptor politico, e por isso omittimos o muito que podiamos dizer a seu respeito.

Além de que, por offendermos a sua modestia, corriamos o risco d'elle se zangar connosco e nos retirar o seu valioso concurso.

Os jornaes de Lisboa dizem que o ministerio ao ter conhecimento da occupaçã do Chire, se reunira, não para protestar dignamente, mas para prevenir com toda a energia qualquer manifestaçã de desaggrado da parte do povo portuguez contra aquella occupaçã.

Querem mais clara a infamia?

É ou não o governo cumplice da Inglaterra? Pois não se está a vêr o ladrão de dentro, que abriu a porta ao ratoneiro de fóra, e agora trata de fazer calar a bocca aos donos da casa para que a policia não desperte e gore todos os planos d'um e outro?

O que falta é o medianoiro, aquelle que traz os planos dos inglezes e leva os bons officios do governo... Quem será? Quem pôde ser senão o rei, inglez por laços de familia e portuguez por necessidade de ostentar vaidades torpes?

Incontestavelmente é o rei, esse criminoso medianoiro.

Portante, governo e rei devem estar condemnados na consciencia de todos os homens honrados, e consequentemente a monarchia deve desaparecer — pela revolução, ainda sanguinolenta — se Portugal não preferir provar que já não tem brio nem dignidade de especie alguma.

Por Lisboa propõem-se—Bernardino Pereira Pinheiro, José Elias Garcia, José Maria Latino Coelho e Manoel de Arriaga.

Pelo Porto, consta que se propõem Alves da Veiga e Zophimo Consiglieri Pedroso.

E por Coimbra propõe-se o dr. José Falcão.

Ainda noutros circulos lucta o partido republicano.

FÓRA OS MALANDROS!

Á vista das torpezas e indignidades, que, á sombra d'uma monarchia corrupta, está praticando o governo de Sua Magestade Britanica em Portugal, não deve haver um só portuguez, que não grite com toda a força, com a maior energia: *abaixo os governos dissolutos! fóra a malandragem que nos vende e atoaçoia torpemente!*

Todo o portuguez digno e honesto deve collocar os interesses da sua patria acima das mesquinhas conveniencias de qualquer facção partidária; deve mesmo, nas condições de verdadeira angustia em que o paiz se encontra, calar qualquer sentimento de gratidão pessoal, para só alimentar na sua alma, bem vivo, bem intenso, o sacrosanto amor da patria. Todos devem esforçar-se por concorrer, quanto em si caiba, para o levantamento da patria do atoleiro de vergonha e de ignominia, a que foi conduzida pela politica nefasta dos assalariados da realleza.

Todo o portuguez, a quem com justiça possa applicar-se o nome de patriota, tem o indeclinavel dever de pôr todas as suas energias, todos os seus recursos, ao serviço da nossa querida patria, a fim de que ella possa levantar-se do miserissimo estado de decadencia a que chegou, por virtude dos desvarios de todos os governos, que, para servirem a ganancia—é este o nome proprio—da monarchia, tem escandalosamente sacrificado o povo.

Mas os primeiros a dar o exemplo de civismo, a provar o seu patriotismo, a dirigirem todas as suas atencões para o levantamento do paiz, deviam ser os governos; e elles mais que a ninguém cumpre velar e pugnar pelo bem d'aquelles a cujos destinos presidem; sobre elles mais do que sobre ninguém impende a imperiosa obrigação d'impedir esta decadencia constante e progressiva, procurando sustar esta queda cada vez mais rapida para o abysmo da nossa aniquillação.

Mas procedem assim os nossos governos? Farão elles convergir todas as suas forças no sentido do engrandecimento de nação portugueza, e do seu progresso material e moral?

FOLHETIM

UMA PRINCEZA RUSSA

EMMANUEL GONZALES

(Tradução de C. J.)

ROSTO DE ANJO, CORAÇÃO DE TIGRE

Em tempo algum S. Petersburgo, esse improvado admiravel de Pedro o Grande, foi tão fulgente como nos primeiros annos do imperio de Nicolau. Parecia então que a mocidade dos herdeiros do throno de Alexandre era a origem de festas continuas; mas com certeza o verdadeiro fim d'esses bailes ruidosos, d'esses saraus deslumbrantes era fazer reconhecer pelos diversos representantes da velha Europa a injustiça do epitheto de barbaros do Norte, que tão commumente davam aos Russos.

Em pleno mez de dezembro do anno de 182... n'uma noite frígida e invernos, havia um esplendido baile no palacio Michel.

Fóra, nas extensas e larguissimas ruas de Petersburgo, era imensa a concorrência de carruagens, que, com quanto sujas e mal pintadas, eram todas tiradas a duas parelhas e guiadas por um cocheiro e um sota, ambos vesti-

Qual! Nem nisso pensam sequer. Que importa lá a decadencia d'este paiz?!

Que importa que elle se aniquille e se esphacelle, e que em breve deixe de ser contado no numero das nações autonomas?!

Ora adeus! Tudo isso é muito secundario para os nossos governos (ou melhor, para os governos do sr. D. Carlos, por ora 1.º de Portugal, porque não podem chamar-se governos do povo, quem tão abertamente se tem collocado em antagonismo com elle). Primeiro e acima de tudo estão as conveniencias do seu rei, que os agraciou com o rendosa d'adiva do poder; primeiro que tudo está a cuidar das regalias do seu monarcha, que os conservará no poleiro, apesar da má vontade do povo, enquanto elles praticarem actos pelos quaes mereçam a sua confiança, já passando-lhe dos ministerios as maiores porções de dinheiro *disponivel*; já calcando as manifestações do descontentamento geral da plebe ácerca da regia pessoa do imbecil D. Carlos 1.º; já abafando os protestos d'odio contra a pirata Inglaterra, que, sob a protecção escandalosa de quem ainda consente a aliança ingleza, nos espolia dos mais sagrados direitos; já postergando os mais evidentes principios de direito e annullando arbitrariamente a mais expressa letra da lei, para dissolver a Associação Academica e Camara Municipal de Lishoa; já espesinhando as mais inviolaveis direitos do cidadão para effectuar prisões injustissimas, e para conservar individuos sob prisão, durante prazos illegaes; já consentindo que um salafario inglez insulte a Academia e a nação inteira dentro do nosso territorio, permitindo, para cumulo de desfaçatez, que esse pandilha se retire sem primeiro ter pago a affronta aleivosa, que lançou á face do paiz.

Ah! mas isto é incrível, isto não pôde continuar.

É preciso que o povo, conscio do seu poder e do do seu direito, se levante unanime e procure extirpar pela raiz o cancro que o corróe, gritando unisono:

Abaixo os governos dissolutos!
Fóra os malandros!

ALBERTINO DE PINHO.

dos do grosseiro *armiak* persa, que, servindo-se sómente das reideas e do freio, sem o auxilio da voz ou emprego do chicote, denotavam ser ageis, dextros e temerarios.

Todas essas equipagens pittorescas e originaes, ainda que pouco elegantes, acabavam de parar diante da fachada exterior do palacio. Artísticas lampadas, feitas de papel graciosamente recortado em forma de vasos, de lyras, de tulipas, de urnas e de taças, illuminavam pallidamente os intercolumnios. A multidão agglomerava-se no perystilo; as *toilettes* vistosas das senhoras, e as fardas brilhantes dos altos dignitarios, escondiam-se sob fartos mantos e magnificas capas de pelles; homens e mulheres, todos se apressavam a dar entrada nesse Eden resplandecente, matizado de flores, saturado de aromas, imagem dos palacios phantasticos d'essas fadas vaporosas do Norte.

A luz das lampadas irradiava sobre as columnatas do palacio, e as arvores gigantescas do jardim, surgindo por entre as massas compactas de gente, figuravam um scenário similhante aos côros impassiveis das tragedias antigas.

Dentre os macissos de verdura irrompiam as symphonias militares, e ao longe os sons das orquestras occultas echoavam como a trombeta amortecida nas grandes montarias.

Do denso arvoredado, diffusa-

O PAIZ VINHATEIRO

E A
CRISE PHYLLOXERICA

Existe ainda em Portugal uma raça viril e forte; honesta, sobria, valente até á heroicidade; crente e sempre ludibriada; respeitadora e sempre opprimida; sustentando num esforço titanico de seculos a primeira, a mais fecunda fonte de receita nacional, e eternamente esquecida por aquelles que acima de tudo se deviam dedicar ao aproveitamento e conveniente direcção de todas as forças vivas, que, incidindo sobre o solo fertilissimo, teriam como necessaria consequencia o renascimento da agricultura e o florescimento das nossas industrias.

O commercio, resultado immediato do desenvolvimento agricola e industrial, e o melhor indicador da riqueza d'um paiz, foi em todos os tempos um dos grandes motores da civilização, do progresso e da grandeza das nações, e hoje representa por certo a força primordial, o diploma imprescindivel sem o qual nação alguma se pôde apresentar de frente erguida a exigir dos outros o respeito dos seus direitos, da sua independencia e das suas tradições historicas.

Longe vão os tempos em que a guerra era o estado normal das sociedades, e as raças se aniquilavam em sangrentas e successivas carnificinas: as tendencias modernas dão a primazia ao trabalho, applicado a todos os ramos da actividade humana, ao trabalho que será em breve o unico indicador de victoria ou de derrota, de vida ou de morte nas campanhas pacificas da lucta pela vida das futuras sociedades.

De nada d'isto se têm querido lembrar os nossos governantes, deixando morrer de fome e dizimarem-se pela emigração as populações do paiz vinhateiro; deixando a patria sem defesa, entregue á brutalidade de John Bull, enquanto se dedicam, allucinados e esquecidos dos seus mais sagrados deveres de cidadãos, a negociatas rendosas e galopinagens eleitoraes.

O estado miserimo do paiz vinhateiro, o espectáculo desolador de milhares de familias sem trabalho e sem pão imprimem um tom lugubre á au-

mente alumiado, destacavam-se as sombras nocturnas, e a relva phantasticamente illuminada exhibia uma côr vaporosa, extranha ás paizagens variadissimas da natureza.

O interior da galeria onde se ia dançar era um novo jardim, attraente e mais maravilhoso ainda; um jardim delicioso plantado de dois mil vasos de flores raras e delidas, habituadas a desabrochar sob um sol incandescente.

Ao fundo da sala, engrinaldada d'uma faxa luxuriante de arbutos exóticos, defendidos pela ramagem espinhosa dos aloés, dos cactus e das figueiras da Barbaria, erguia-se airoosamente uma formosa cascata, donde brotava um farto repuxo de agua crystallina.

As quedas successivas da agua, scintillantes com os reflexos das luzes, expelliam um orvalho brilhante na atmosphera tepida, que refrescava ainda os ramos das palmeiras e das bananeiras gottejantes d'agua. O ruido dos passos amortecia-se no musgo que atapetava as ruas do jardim.

As janellas e portas, á excepção das que serviam de passagem, estavam occultas por gigantescos guarda-fogos dourados e por espelhos enormissimos, cuja base se escondia na espessura densa dos tapetes rescedentes de vicosas flores.

Estes espelhos, encaixilhados em custosas molduras douradas, cercados d'uma auréola immensa

gustiosa crise agricola que o paiz atravessa.

Nunca me pouparei, como filho amantissimo da minha terra natal, a verberar com toda a energia, com todo o fogo e entusiasmo que a justiça da nossa causa inspira, aquelles que, á sombra de velhas instituições corruptas, desmoralizadas e egoistas, lançaram ao abandono e á miseria a mais fértil região agricola do paiz.

Se algumas medidas de ordem secundaria foram decretadas, a sua execução ainda mais á evidencia revelou uma falsa direcção governativa, a iucuria, o desleixo, o abandono, a falta das mais rudimentares providencias, sem as quaes essas medidas de alcance quasi nullo dão resultados contraproducentes.

Ao governo de amanhã, aquelles cujo ideal será o levantamento do paiz por meio d'uma completa e radical reorganização da sociedade portugueza, o problema economico será por certo entre todos o primeiro que lhes prenderá a attenção; e não me fallece a esperança de que, debellada a crise phylloxerica por meio de energicas medidas governativas, dias de larga prosperidade voltarão á desolada região vinhateira e o Douro representará de novo o emporio da riqueza agricola e a primeira fonte de receita nacional.

Com o coração cheio de odio pelos que não afastaram de nós as amarguras do passado, derrubemos pela revolução, se tanto fôr necessario, os causadores do infortunio presente e assim tudo nos será licito esperar d'um futuro muito proximo.

A. CARVALHO.

O PRESENTE

O cahos da fabula parece nesta occasião presidir á desorganização social do Occidente.

Ha meio seculo principalmente que a crise revolucionaria das sociedades modernas se desenvolve apressadamente, no seu verdadeiro caracter destruidor e negativo.

Só a traiçoeira intriga domina no seio dos partidos, e é o caracteristico da politica moderna; convicções firmes, sérias e modestas, organizado-

de luzes, que estremeciam á leve aragem, assemelhavam-se aos cortinados diamantinos que encobriam as portas do palacio de Aladin. Esta esplendida sala, assim adornada, alongava-se extraordinariamente; era como um prisma de luz, de dourados, de flores, de reverberos, capaz de extasiar o mais habil artista de perspectiva, e por sobre todo este espaço chimerico ondeava uma vaga neblina, que amenisava ainda mais os contornos de todos os objectos.

O baile não tinha ainda começado; os convidados, aguardando a chegada da imperatriz, esqueciam a alegria communicativa, prescripta pelo ceremonial, e entregavam-se a examinar minuciosamente a sumptuosa e interessante residencia dos retardatarios. De repente um movimento de curiosidade extraordinaria agitou esta multidão de observadores benignos, e o porteiro das ceremonias annunciou o principe de Mouriaquin e a princeza Veratchka, sua filha.

Então duas extensas alas de uniformes e de *toilettes* alinharam-se de improvisado á sua passagem. As conversas terminaram, e as criticas mais ou menos picantes das damas da alta aristocracia detiveram-se nos seus labios affectados e desdenhosos: dir-se-hia que os seus olhares invejosos procuravam enxergar o segredo do prestigio exercido por uma rival triumpicante. Em quanto aos homens, esses, esforçavam-se talvez por

ras, ninguém, ou muito poucos as têm; a mediocridade impera, e a ambição do poder é um estado pathologico dos politicos da epocha.

Bem razão tinha aquella mulher celebre, quando dizia que a Politica, no presente estado de coisas, era uma ardilosa arte de subir ao poder, ou, como hoje se pôde dizer, a suprema aspiração de se anichar bem.

Na verdade, tal definição traduz com fidelidade a expressão pratica e real da politica contemporanea.

Que de nullidades não vemos nós sentarem-se no parlamento com louca vaidade, cheias de mil pretencões, com a educação scientifica incapade produzir coisa alguma na resolução das graves questões sociaes, e muitas outras sem educação alguma, apenas conduzidas lá pelo imperador Milhão ou pelo resultado insignificante d'uma eleição bem galopinada?!

Por um só homem de sciencia, por um só chimico, por um só biologo, por um só economista, por um só sociologo, vê-se para ali pullularem cem mil politicos *à la mode*.

Que riqueza nacional!...

Em que grande escaia a não podemos exportar!!

«A proporção, como diz o sr. A. Candido, seria em sentido contrario, se, na consciencia publica, houvesse estas duas coisas — a comprehensão scientifica das difficuldades sociologicas e dignidade moral bastante, para se não assumir, tão facilmente, a suprema responsabilidade dos destinos populares.»

Bem sabemos quão difficeis e pesadas são as questões relativas á vida dos povos, para as confiarmos em mãos d'aquelles que são inhabeis para remover o peso de qualquer problema politico.

Nem todos podem tudo, e é tristissimo que este conceito não cahe fundo no animo de tantos, que têm aspirações para ser tudo, sem terem elementos para ser coisa alguma. D'aqui o mal, que é grande; d'aqui a sombra a esmagar a luz!

É preciso attender a esta questão, que é vital; é preciso que rompamos com este estado de coisas tão triste para nós todos, em que anda envolvido o futuro de tantas nações e a dignidade dos seus governos.

É precisa e urgente a regeneração social, e só a sciencia nol a pôde

alcançar um vago sorriso, um imperceptivel gesto, um só olhar, ainda que indifferente, da encantadora princeza.

Nunca a formosura d'esta gentil mulher brilhara com mais esplendor. Seria affectação ou indifferença? No entretanto a indolente graça no andar, a serenidade risonha e fria do semblante, a majestade da frente, tudo parecia affirmar nella a constancia e o habito do triumpho, assim como um desprezo fleugmatico, e talvez mesmo que affectado, para as cousas mundanas.

Caminhava por entre a multidão como uma rainha, enquanto que o seu olhar parecia dizer aos homens: «admira-me», e ás mulheres: «curvae-vos.»

Ella era com effeito formosa, d'essa formosura extranha e mysteriosa, que em todos os tempos tem caracterizado as mulheres da pura raça slava: mas companheiras bellicosas das Scythas, que os antigos gregos não conseguiram dominar com a escravidão, essas amazonas, uma das quaes — a fabulosa Thalestris — dominou o coração de Alexandre, taes foram os antepassados das bellas Moscovitas.

Seria o mixto do typo asiatico e do typo europeu, que lhe dera aos olhos, ás feições, e ao semblante, uma delicadeza e uma distincção incomparaveis?

(Continúa).

dar, a fim de que se chame á vida as collectividades organicas da Humanidade.

Depois de ter subido até á especulação, deviamos ter descido até á pratica por um caminho correspondente.

Nesta orientação logica, na ida e na volta, a intellectualidade politica devia ter-se acompanhado solidariamente d'uma moral progressiva e civilisadora, e d'uma educação social positiva, isto é, conforme a desenvolver e educar o espirito sem estiolar ou atrophiar o organismo.

Assim teriamos uma regeneração social, intellectual, politica, administrativa, organica, capaz de produzir uma solidariedade, como é preciso em vez d'um metaphysismo, que nos faz dizer, ha tantos seculos, sonhos de Platão, ou coisas de Aristoteles.

E' preciso que nos convençamos que a todo o organismo corresponde um meio, a este meio uma vida, que não é senão resultante das forças proporcionadas, correspondentes a órgãos capazes de funcções.

Se, no corpo humano, por uma anomalia qualquer, um órgão desenvolve energia, uma força superior á normal, em prejuizo dos outros órgãos, ha necessariamente uma desordem organica nas funcções de que resulta um mau viver ou enfraquecimento vital, e ainda muitas vezes a morte.

Ora, no organismo social, dão-se analogicamente as mesmas consequências desastrosas, se um órgão engrandece, com graves prejuizos d'outro com o qual devia ser harmonico e solidario.

Como queremos nós fazer da sciencia politica a concentração de todas as forças da nossa intellectualidade, se deixámos atraz, no esquecimento e no abandono, a instrucção popular, e a educação social?

Se a propria politica, que atravessamos, que nos governa, é uma pessima orientação sociologica, é uma metaphysiocracia tresloucada, é um desmoronar de crenças, é o cahir de um sol, é um erro, em summa, que vale engrandecer-o, que vale agigantá-lo?

Querêr fazer tal é tentar reanimar a campall

Eduquem-se os povos, moralisem-se no altruismo humano, desenvolvase este mesmo sentimento, activem-se na administração séria e humanitaria, seja esta obra solidariamente feita; depois poder-se-ha ver João Valjean tornado um santo.

Mas enquanto isto se não fizer ha de haver, no seio da politica, infernos, como os ha no seio da civilisação.

Só depois que o sol se fizer nado em todos os ramos da sciencia social, só depois de se crear uma ordem progressiva, uma civilisação harmonica, equilibrada nos seus elementos, a vida no seio da sociedade deixará de ser o predominio do mal, visto o bem consistir no menor mal.

JOSÉ D'ALMEIDA.

ANNUNCIOS

O ULTIMATUM

FOLHA ACADEMICA

DE

Publicação bi-semanal

PREÇOS

Por cada serie de 24 numeros

Em Coimbra 500 réis
Fóra de Coimbra 560 »
Avulso 20 »

Sae ás quintas feiras e domingos

Assigna-se na rua do Forno, 26 — e rua Corpo Deus, 91.

88 — RUA DO CORPO DE DEUS — 91

COIMBRA

TYPOGRAPHIA OPERARIA

PROPRIETARIO

Pedro Augusto Cardoso

Satisfaz com brevidade todo o trabalho de typographia que lhe seja confiado, executando-o com o maior cuidado e esmero tendo para isso magnifico material typographico, nacional e estrangeiro.

Especialidade em facturas, addresses, diplomas, etiquetas para phar-macia, etc. Incumbe-se da impressão de jornaes politicos e litterarios, e de outras publicações de grande formato.

RELOJOARIA UNIVERSAL

DE

PESSOA & FILHO

RELOJÓEIROS CONSTRUTORES

112 — RUA DE FERREIRA BORGES — 114

COIMBRA

Neste estabelecimento se encontra exposto á venda um bonito e variado sortimento de relógios de sala, americanos.

Relógios de parede, de variados gostos, de um a oito dias de corda.

Relógios de prata, nikel, remontoir, ancora e cylindro cobertos ou descobertos, com 2 e 3 calendarios mostrando as phases da lua, simples, etc.

Nesta officina se concertam relógios de algibeira de todas as qualidades, por mais difficultosos que sejam os concertos.

Construem-se e concertam-se relógios de sala e de torre, tudo por preços limitadissimos.

Deposito de relógios de torre.

Concertos e vendas garantidas.

PHARMACIA CONIMBRICENSE

CASA DE SERVIÇO PERMANENTE

DE

ELEZIARIO A. MACEDO FERRAZ

(PREMIADO NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS COM O DIPLOMA DE HONRA)

Encontram-se neste estabelecimento todos os productos chímicos e pharmaceuticos em uso na therapeutica e todos os utensilios de pequena e grande cirurgia.

Enviámos pelo correio qualquer artigo que nos seja requisitado, e lembrámos á respeitavel classe medica que fornecemos thermómetros sensiveis e extra-sensiveis, garantidos, desde 800 a 2\$200 réis cada um.

Temos grande deposito de productos fabricados na nossa casa e que obtiveram diploma de honra na Exposição Universal de Paris, d'entre elles lembrámos aos academicos os nossos Pós Dentíficos, sem rival, dando inexcédivel alvura ao esmalte dos dentes, fortificando e desinfectando as gengivas e que estão sendo usados pela sociedade elegante.

150 — RUA FERREIRA BORGES — 150

COIMBRA

A PATRIA

JORNAL INDEPENDENTE

Orgão da Academia de Lisboa de publicação diaria

Cada série de 25 numeros :
Em Lisboa 250 réis
Nas provincias 320 »

Redacção e administração em Lisboa, rua Formosa, 45.

LECCIONAÇÃO

O presbytero Joaquim dos Santos Figueiredo lecciona latin e francez em sua casa, na rua Oriental de Mont'arroyo, 20. — Coimbra.

O REBATE

DIARIO DA ACADEMIA DO PORTO

Porto: mez adiantado. 260 réis
Trimestre 720 »
Fôra do Porto, trimest. 820 »

Redacção e administração, rua da Fabrica, 11, 2.º — Porto.

ESTABELECIMENTO PROPAGADOR

DE

INSTRUMENTOS MÚSICAES

DE

ANTONIO JOSÉ ALVES

Neste estabelecimento ha á venda, por preços muito modicos, e a prestações, um variadissimo sortido de instrumentos de musica. Tem tambem á venda uma grande variedade de peças musicas modernas e de auctores muito conhecidos e apreciaveis.

Vendem-es e alugam-se pianos e as muito conhecidas machinas de costura *Memoria*.

Tem para vender e aluga para passeio velocipedes de duas e tres rodas.

103, Rua do Visconde da Luz, 103

COIMBRA

Augusto Peixoto e Heliodoro Salgado

JOHN BULL-PIRATA

LIBELLO ACCUSATORIO

CONTRA A INGLATERRA E SEUS CUMPLICES

Com o retrato

E em honra do major Serpa Pinto

PREÇO 100 RÉIS

Vende-se na redacção da Officina.

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

LOUÇAS E CRYSTAES

DE

JOAQUIM MARQUES PEREIRA

Neste estabelecimento encontra-se, além d'um completo sortido em porcellanas e crystaes, nacionaes e estrangeiros, espelhos em todas as dimensões, etc., uma grande variedade de vidros em chapa e cortados por molde, ou em qualquer medida que se deseje, branco, côres, fosco, camellado e mouseline.

Tambem tem annexo ao seu estabelecimento uma officina, onde se fazem caixilhos do mais pequeno ao maior formato, com rapidez e perfeição, responsabilizando-se pelo seu bom acabamento.

Em preços haverá a maior modicidade.

18 — Rua do Visconde da Luz — 18

COIMBRA